

A TEORIA DE BOURDIEU E COLEMAN APLICADA À LEITURA DO MAPA

Doi: 10.4025/percurso.v7i1.23136

Nicéia de Jesus Ferreira Rêgo

Mestranda em Geografia pelo Programa de Pós-graduação da UEM (PGE-UEM). E-mail: niceiajfr@hotmail.com

Ricardo Massulo Albertin

Doutorando em Geografia pelo Programa de Pós-graduação da UEM (PGE-UEM). E-mail: georickk@yahoo.com.br

Fernando Luiz de Paula Santil

Professor da Universidade Federal da Uberlândia –UFU, Curso de Engenharia de Agrimensura e Cartografia Campus de Monte Carmelo – MG. E-mail: tilsan@hotmail.com

RESUMO: Este artigo traz a teoria de Bourdieu e Coleman como amparo às discussões socioeconômicas e a suas implicações na leitura no mapa. Por meio de questionário comparou-se as leituras dos alunos do Colégio Estadual 29 de Novembro de Araruna - PR, 6º e 7º anos com os de 8º e 9º anos em relação as imagens pictóricas e abstratas de bacias hidrográficas. Com base nos resultados pode-se dizer que os alunos dispõem de capital social, porém não dispõem de capital econômico e cultural suficientes para que ocorra o desenvolvimento educacional de maneira satisfatória, pois encontraram muitas dificuldades para fazer a leitura do mapa enquanto que a imagem pictográfica, compreenderam normalmente, considerando que as imagens têm o objetivo de demonstrar a realidade.

Palavras-chave: bacia hidrográfica; cartografia escolar; mapa.

BOURDIEU AND COLEMAN'S THEORY APPLIED TO THE MAP'S READING

ABSTRACT: This article brings Bourdieu and Coleman's theory as a support to the socio-economic discussions and its implications in the maps read. Through a survey, the read of the students from Colégio Estadual 29 de Novembro de Araruna - PR, was compared between the students from 6th and 7th grade with the students from 8th and 9th grade in relation to the pictorial and abstract pictures of watersheds. Based on the results is possible to say that: the students have social capital, but they don't have the economic and cultural ones enough to the

educational development of a satisfactory way, because they found difficult to do the reading of the map, while they understood perfectly the pictorial picture. Considering that the pictures have an objective of show the reality lived by the students in their daily routine and to make possible the subsidy enough to exercise the citizenship through the knowledge acquired in the student's school for them to understand the process of transformation of what is around them and the society that they are inserted.

Key words: watershed; scholastic cartography; map.

1 INTRODUÇÃO

Segundo Bonamino (2010), na primeira metade do século XX, havia um otimismo em relação à educação que atribuía à escolarização o papel fundamental da construção de uma nova sociedade, justa e democrática, com garantia de acesso gratuito às escolas públicas com a certeza de igualdade de oportunidades para todos.

A escola pública, naquele momento, se propunha a oferecer as mesmas condições para todas as crianças, ou seja, condições igualitárias de ensino-aprendizagem nas quais as que tivessem dons individuais se destacariam das demais, possibilitando a conquista de ocupar posições na hierarquia social.

Neste processo de democratização do acesso à escola e à obrigatoriedade escolar, começaram aparecer também as desigualdades de escolarização na sociedade, apontando para as desigualdades sociais.

De acordo com Bonamino et al. (2010), embasados em apontamentos educacionais publicados na segunda metade do século XX, surgiu uma corrente pessimista na educação. Demonstrada no Relatório de Coleman (1966) foi considerado um marco na ruptura da visão otimista de construção de uma sociedade igualitária através da educação para todos. Neste estudo elaborado por Coleman (1966) considerava-se que os alunos portadores de diplomas não eram favorecidos somente por seus dons individuais, mas pela sua origem social. Em outro estudo, Pierre Bourdieu afirma que a origem social possibilita às desigualdades escolares e se acentuam a posição de dominação na sociedade.

Bonamino (2010) destaca os sociólogos Bourdieu e Coleman por utilizarem o termo "*capital*" para os estudos das desigualdades escolares, mencionando como referência das vantagens culturais e sociais que dispõe as crianças e suas famílias, considerando melhor seu

nível socioeconômico. Para estes estudiosos, os resultados educacionais têm forte relação com a origem socioeconômica dos alunos, ao meio em que vivem e se relacionam, pois os fatores social e cultural também estão inter-relacionados ao poder econômico, possibilitando assim um melhor rendimento escolar.

Se isto é possível, então se pode correlacionar com a Geografia, e afirmar que favorece a compreensão dos conceitos geográficos expostos em um mapa porque o desenvolvimento cognitivo não se restringe a idade, mas a ampliação dos estímulos sociais e culturais que são, por sua vez, dependentes do nível socioeconômico do sujeito.

Com o propósito de um estudo de caso, e conhecer e descrever a realidade social, cultural e econômica do "Colégio Estadual 29 de Novembro: Ensino Fundamental e Médio" do município de Araruna-PR, objeto deste estudo, realizou-se a presente pesquisa com enfoque na leitura cartográfica.

2 CARACTERIZAÇÃO DO MUNICÍPIO DE ARARUNA

O território do município de Araruna foi utilizado pelos padres jesuítas no período do descobrimento do Brasil. Onde se localiza a sede do município teria sido um dos ramais do "*Caminho de Peabiru*" uma trilha cabralina criada e utilizada por povos indígenas, que ligava o Chaco do Paraguai ao litoral brasileiro (IBGE, 2014).

Em 1948, chegaram as primeiras famílias de pioneiros, como as de Paulo Toledo, João Antônio Rodrigues, Ernesto e João Martins Tavares, Sebastião Inácio de Farias e tantos outros pioneiros deram início ao povoado, que por determinação do engenheiro Sady Silva, chefe da 5ª Inspeção de Terras do Estado do Paraná, deu a pequena vila o nome de Araruna, que em tupi significa "*arara negra*" nome dado devido a muitos anus-pretos existentes no local naquele período.

De acordo com o IBGE (2010), Araruna tinha população estimada em 13.926 habitantes em 2013, com renda per capita mensal por domicílio na área urbana R\$ 510,00 e da área rural é de R\$ 473,33. O número da população residente alfabetizada é de 11.347 habitantes, o Índice de Desenvolvimento Humano Municipal - IDHM em 2010 foi de 0,704, e o número de matrículas no Ensino Fundamental em 2012 foi de 1.765 matriculados.

Araruna localiza-se a 23°55'54" de latitude Sul e 52°29'47" longitude Oeste, a sede do município está a 660 metros de altitude, o clima é seco com verão quente e chuvoso e inverno temperado e seco, a vegetação predominante é a floresta subtropical.

3 METODOLOGIA E APLICAÇÃO

Escolheu-se esse colégio devido aos alunos estarem frequentando normalmente as aulas e preencheu os requisitos do nosso trabalho, ou seja, as crianças estão na faixa etária entre 11 a 15 anos e estão cursando os anos finais do Ensino Fundamental. Além de contar com o apoio administrativo e pedagógico.

As turmas participantes da pesquisa foram escolhidas aleatoriamente, determinadas de acordo com o horário escolar do colégio no período vespertino, ou seja, aplicou-se a pesquisa primeiramente no 6º ano no segundo horário. Logo após, no 8º ano, terceiro horário, no 7º ano no quarto horário e no último horário com o 9º ano, com vinte e quatro alunos em cada turma. Em todas as turmas em que realizou a pesquisa houve a colaboração dos alunos com tempo determinado de 45 minutos, suficiente para responderem as questões.

As questões elaboradas foram embasadas em imagens pictográficas e representação abstrata e abertas; procurou-se levar em consideração o conhecimento pré-existente dos alunos. Utilizou-se a Figura 01, uma imagem pictórica na pesquisa com alunos do 6º e 7º anos e a Figura 02 com os alunos do 8º e o 9º Anos, mostrando as principais bacias hidrográficas brasileiras.

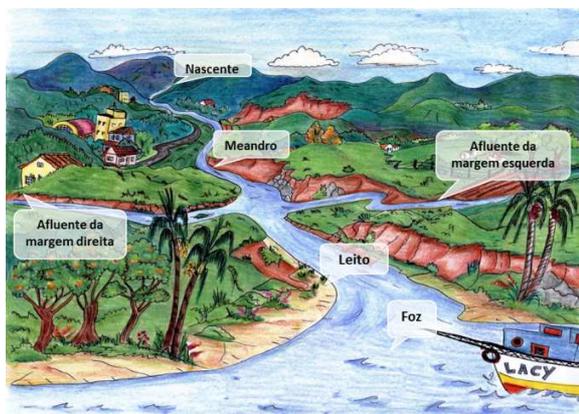


Figura 1- Bacia Hidrográfica
Fonte: <http://geografalando.blogspot.com.br>



Figura 2- Bacias Hidrográficas Brasileiras
Fonte: <http://geografalando.blogspot.com.br>

Os alunos, de acordo com seu ano escolar, deveriam observar essas imagens e responder as questões que segue:

- 1- Quais são os elementos que compõe uma bacia hidrográfica?
- 2- Como é feita, normalmente, a utilização do solo de uma bacia hidrográfica pelo ser humano?
- 3- Quais os impactos numa bacia hidrográfica resultantes da construção de uma barragem hidrelétrica?

Após responderem essas três questões específicas referentes à bacia hidrográfica colocaram mais uma imagem a ser observada, a imagem dos elementos do relevo e, com base na Figura 03, os alunos responderam a questão 4: quais os elementos do relevo associados a uma bacia hidrográfica?

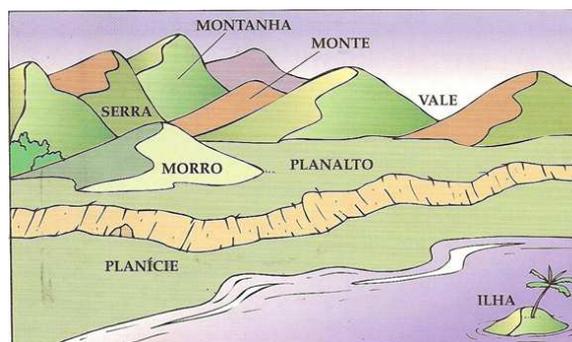


Figura 3- Elementos do relevo em uma bacia hidrográfica.
Fonte: <http://geografalando.blogspot.com.br>

Na última questão, apresentamos a imagem do esboço de uma bacia hidrográfica que foi utilizado, para identificar os principais elementos que a compõe, de acordo com a Figura 04. Em seguida, identificaram nessa figura os seguintes elementos: nascente, afluente, rio principal, divisor de água, margem direita, margem esquerda e foz. Após, os alunos responderam ao questionário socioeconômico.

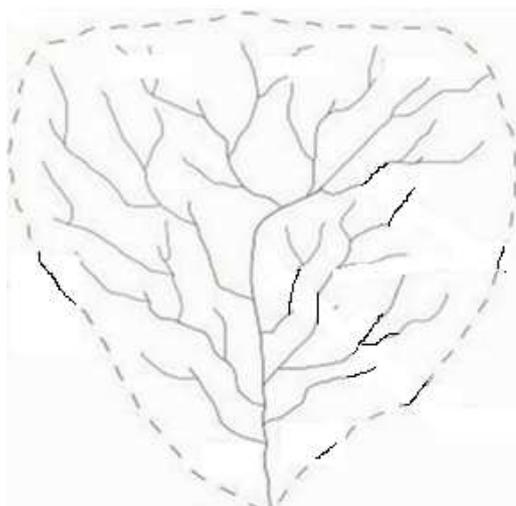


Figura 4- Esboço de uma bacia hidrográfica.
Fonte: <http://geoglossario.blogspot.com.br>

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Por serem questões abertas consideramos o errado, o correto e o parcialmente correto, ocorrendo quando os alunos responderam a questão não estando totalmente certa, tampouco totalmente errada, ou responderam, mas suas respostas estavam incompletas.

Apresentamos os Quadros 01 e 02 com os dados tabulados, respectivamente, do 6º e 7º e 8º e 9º Ano do Ensino Fundamental do Colégio 29 de Novembro de Araruna.

Questões	% Acertos (48 alunos)	% Erros (48 alunos)	% parcial (48 alunos)	Não responderam
1 - Quais são os elementos que compõem uma bacia hidrográfica?	83,33	2,08	14,58	0
2 - Como é feita a utilização do solo de uma bacia hidrográfica?	29,16	35,41	35,41	0
3 - Quais os impactos numa bacia hidrográfica resultantes da construção	35,41	14,58	50,00	0

de uma barragem hidrelétrica?				
4 - Quais os elementos do relevo associados a uma bacia hidrográfica?	70,83	2,08	27,08	0
5 - Identifique na imagem abaixo, os elementos: nascente, afluente, rio principal, divisor de águas, margem direita, margem esquerda e foz	31,25	14,58	54,16	0

Quadro 1- Primeira atividade: Alunos 6° e 7° Ano, 24 alunos em cada Ano.**Fonte: Rêgo, 2013**

Questões	% Acertos (48 alunos)	% Erros (48 alunos)	% Parcial (48 alunos)	Não responderam
1 - Quais são os elementos que compõem uma bacia hidrográfica?	50,00	6,25	37,50	6,25
2 - Como é feita a utilização do solo de uma bacia hidrográfica?	14,58	27,09	50,00	8,33
3 - Quais os impactos numa bacia hidrográfica resultantes da construção de uma barragem hidrelétrica?	29,16	4,16	58,33	8,33
4 - Quais os elementos do relevo associados a uma bacia hidrográfica?	27,08	2,08	60,41	10,41
5 - Identifique na imagem abaixo, os elementos: nascente, afluente, rio principal, divisor de águas, margem direita, margem esquerda e foz	33,33	4,16	58,33	4,16

Quadro 2- Segunda atividade: Alunos 8° e 9° Ano**Fonte: Rêgo, 2013**

Comparamos o rendimento dos alunos do 6º e 7º anos com os do 8º e 9º anos. Na primeira questão os alunos do 6º e 7º ano observaram uma imagem pictográfica e identificaram os elementos que compõem uma bacia hidrográfica com 83,33% de acertos, erros ficaram 2,08% e 14,58 de parciais, considerando que todos os alunos responderam as questões. Mas os alunos do 8º e 9º ano, obtiveram um número menor de acertos com percentual de 50%, os erros aumentaram em relação aos anos anteriores e atingiram a 6%, 37,5% parciais sendo que 6,25 dos alunos não responderam esta questão, pela dificuldade de leitura do mapa, ou seja, faltou conhecimento em relação as representações cartográficas.

Na segunda questão os alunos do 6º e 7º anos apresentaram melhores resultados que os do 8º e 9º anos, pois o percentual de acertos foi 29,16%, os erros 35,41 e parciais 35,41%, todos os alunos responderam esta questão. Enquanto o 8º e o 9º anos obtiveram 14,58% de acertos, 27,09% de erros, 50% de parciais, e um índice elevado de alunos que não responderam a questão: 8,33%.

Considerou-se que os alunos do 6º e 7º anos responderam as questões porque conseguiram visualizar na imagem pictográfica a utilização dos solos de uma bacia hidrográfica, enquanto os alunos do 8º e 9º anos não conseguiram obter mais acertos pela falta de compreensão e leitura do projeto cartográfico, e teriam que abstrair a ideia de utilização do solo através do mapa, mas não foi possível por falta de conhecimento e leitura do mesmo como mencionamos anteriormente.

Na terceira questão, os alunos do 6º e 7º anos tiveram 35,41% de acertos, 14,58% de erros, 50% de parciais e todos os alunos responderam as questões propostas. Enquanto os alunos do 8º e 9º anos obtiveram 9,61% de acertos, 4,16% de erros, 58,33% parcial e 8,33% dos alunos não responderam esta questão.

Na quarta questão, os alunos tiveram que observar uma imagem pictográfica e identificar os elementos do relevo associados à bacia hidrográfica; a questão era idêntica para ambos os grupos, os alunos do 6º e 7º anos obtiveram 70,83% de acertos, 2,08% de erros e 27,08 de parciais. Enfim, todos os alunos responderam essa questão. Mas os alunos do 8º e 9º anos obtiveram um percentual bem menor de acertos em relação a 6º e 7º anos, apenas 27,08% de acertos, diferença de mais de 50%, o percentual de erros foram iguais 2,08%, parcial de 60,41% e 10,41% dos alunos não responderam a questão.

A disparidade em relação aos dois grupos de alunos intrigou, pois pode-se verificar que os alunos do 8º e 9º anos tiveram resultados inferiores em relação ao 6º e 7º anos, talvez pelo ano subsequente já ter acumulado mais conhecimento. Caso contrário, considera-se retrocesso no aprendizado dos alunos. É o que se comprova na coleta, cujo resultado já foi demonstrado nos dados anteriores. Cabe aqui investigar em pesquisa com mais acuidade, se esse resultado é corriqueiro acontecer, ou se é um fato isolado que não representa a realidade de ensino-aprendizagem na rede estadual de ensino.

Na quinta e última questão, foi dado um esboço de uma bacia hidrográfica para todos os anos, solicitando que identificassem os elementos principais que compõem uma bacia hidrográfica, e obtivemos resultados satisfatórios com acertos de 31,25 no 6º e 7º anos, enquanto os erros 14,58% e parciais de 54,16%, sendo que todos os alunos responderam esta questão. No 8º e 9º anos, o percentual de acertos foi de 33,33%, erros 4,16%, parciais 58,33% e o percentual de alunos que não responderam chegou a 4,16%.

Nessa última atividade, fomos surpreendidos por uma aluna do 7º ano que, neste esboço, projetou uma imagem cartográfica, porém de forma voluntária. Foi a aluna que se destacou dos demais alunos em todos os anos trabalhados, inovou, pois não havíamos solicitado dessa forma, mas ela foi além e utilizou sua criatividade de maneira inovadora.

As figuras 05 e 06 referem-se à imagem digitalizada da questão resolvida por essa aluna: o esboço da bacia hidrográfica conforme foi solicitado, e mostra como responderam os demais alunos de ambos os anos.

5) Identifique na imagem abaixo, os seguintes elementos: nascente, afluente, rio principal, divisor de águas, margem direita, margem esquerda e foz.

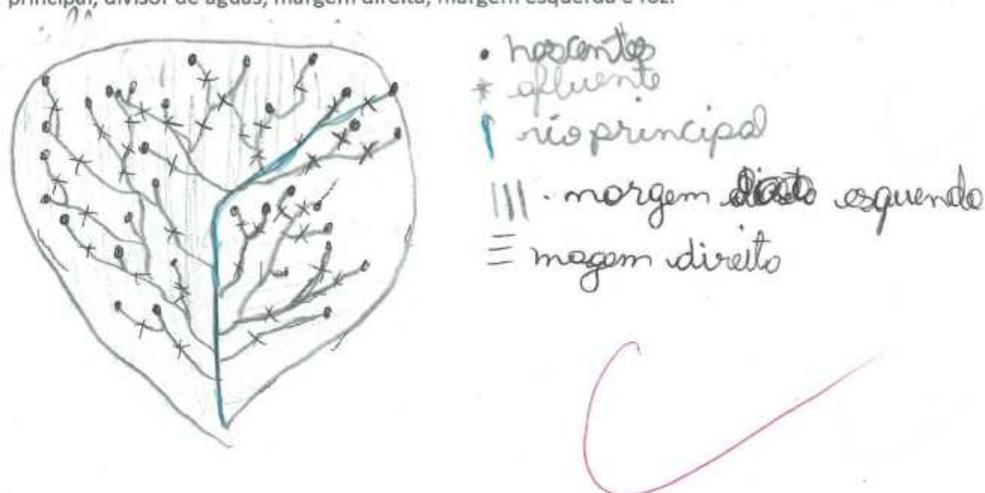


Figura 5- Questão resolvida pela aluna do 7º Ano.
Fonte: Rêgo, 2013

5) Identifique na imagem abaixo, os seguintes elementos: nascente, afluente, rio principal, divisor de águas, margem direita, margem esquerda e foz.

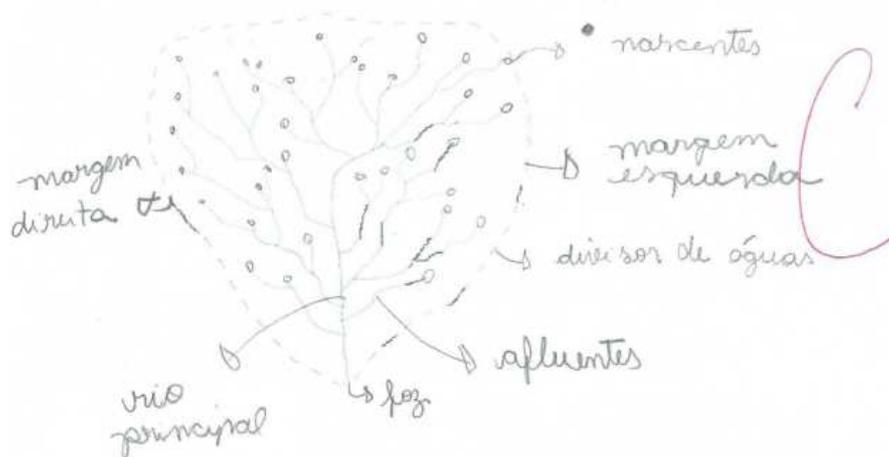


Figura 6- Questão resolvida de acordo com a solicitação.
Fonte: Rêgo, 2013

De uma forma geral, nos dois primeiros anos pesquisados, os alunos apresentaram melhores respostas, visto que o conteúdo estava sendo trabalhado pelo professor regente da sala de aula, e os alunos conseguiram desenvolver melhor as atividades.

Num comparativo com os alunos do 8º e 9º anos, estes apresentaram pior desenvolvimento nas atividades propostas, visto que os mesmos têm dificuldades de fazer a leitura do mapa e abstrair as informações contidas nele.

Concluimos que o desempenho dos alunos do 6º e do 7º anos foram significativamente melhores em comparação com o 8º e com o 9º anos, e percebemos que nos dois anos finais do Ensino Fundamental não ocorreram acréscimos no desenvolvimento do conhecimento em relação ao tema bacias hidrográficas.

O resultado é preocupante, pois notadamente deve haver rendimento escolar de um ano para o outro, mas não foi o constatado nesse caso específico, que foi o desinteresse e o decréscimo na aprendizagem nos dois últimos anos do Ensino Fundamental.

Entende-se que a leitura de mapas deve ser tão importante quanto às outras linguagens como: números, escrita, pinturas, mídias digitais etc. Considerando que tudo tem significado e a sua devida importância, não podemos menosprezar a leitura da linguagem gráfica devido ao grau de dificuldade, e sim, intensificar a sua prática na escola com intuito de enriquecer o nível cognitivo do aluno.

O professor de Geografia tem que dominar a linguagem gráfica e saber transmiti-la para que os educandos tenham bom rendimento, sendo capazes de minimizar as suas dúvidas e propiciar uma desenvoltura na leitura da linguagem gráfica. Caso contrário, a leitura da linguagem gráfica, no tocante aos mapas, não passará de mera decodificação, ou seja, não haverá compreensão das imagens transmitidas por eles.

Simielli (1986, p. 132) considera que "o mapa deve ser introduzido gradualmente, e que deste as primeiras letras é preciso desenvolver a habilidade espacial das crianças". Na realidade não é uma deficiência somente no Colégio 29 de Novembro, mas um problema da rede pública de ensino nacional.

Segundo Oliveira (2011, p. 37) o problema "está ligado ao uso que se faz atualmente do mapa em sala de aula: o mapa é utilizado como recurso audiovisual, e até agora não se considerou devidamente o ensino do mapa, e sim o ensino pelo mapa".

Esse processo está ligado a subutilização dos mapas no ensino de geografia e habitualmente esse produto cartográfico serve apenas como meio de localização dos fenômenos a serem estudados pelo professor de geografia em suas aulas (KATUTA, 1997; SANTIL, 2008).

Isso corresponde à leitura básica com os mapas, que é denominada nível elementar de leitura (SIMIELLI, 1996; SILVA, 2006).

Por outro lado, como assinala Souza (1994, p.26-7), um dos motivos prováveis que podem explicar essa questão é:

[...] como se a posição “política”, “teórico-metodológica” da conduta do docente pudesse ser abalada – o seu status quo – e não ser identificado como “marxista”, de esquerda, portanto, libertário e democrático. Passou a acreditar, ou a se criar uma “cultura” de que para ter/exercer efetivamente estas posições/posturas pudéssemos prescindir, sobretudo da geografia, de conhecimentos técnicos e cartográficos.

Nota-se que a geografia crítica ou radical, que surgiu no final dos anos 1970, tinha como objetivo ser crítica, revolucionária e valorizar o discurso sobre a questão do método de leitura da realidade, descuidando-se das reflexões a respeito desse conhecimento técnico, dos objetivos do ensino de geografia, entre outros temas (KATUTA, 1997). Souza (1994) aponta também que a má formação cartográfica dos docentes, seja do primeiro ou do terceiro grau, implica na sub-utilização do mapa e, portanto, compromete o seu uso.

Para desenvolver a pesquisa, elaboramos um questionário socioeconômico com cinquenta e duas questões, com embasamento no questionário da Prova Brasil, com questões que possibilitaram a análise referente ao capital econômico, o capital social e o capital cultural propostos por Bourdieu e Colemann.

Apenas para explicar algumas dessas questões, podem ser citadas: Se o aluno tem computador em casa? Com ou sem internet? Seus familiares (pai e mãe) sabem e têm costume de ler e escrever? Recebem incentivos de seus pais ou responsáveis para ir à escola? Possuem livros escolares em casa? Quanto tempo no dia gastam com televisão, videogame e computador? Costumam ler livros, revistas, jornais e sites na internet? Costumam frequentar biblioteca, cinema, teatro e apresentações de musicais e dança? Afinal, para Bourdieu o capital cultural se desenvolve por esses fatores.

5 ANÁLISE DO QUESTIONÁRIO SOCIOECONÔMICO

Verificamos que a maioria dos alunos 6º e 7º anos tem idade de 12 anos, totalizando o percentual de 58,3%, e 41,7% dos alunos são de outras idades, porém menores de 16 anos. Enquanto os alunos do 8º e 9º ano na sua maioria têm entre 13 e 14 anos de idade, totalizando 75% e 25% de 15 anos ou mais. Pode-se mencionar que a idade dos alunos corresponde com normalidade à idade escolar.

Ao analisarmos os dados econômicos verificamos que os alunos são filhos de trabalhadores com baixo poder aquisitivo. O trabalho doméstico é realizado pelos próprios membros das famílias, inclusive na maioria dos casos, pelos próprios alunos. Isto implica que os alunos não detêm o capital econômico, capital este provido das condições proporcionadas dos recursos financeiros das famílias (BOURDIEU, 1989).

Em média 95% dos alunos dos dois grupos moram com as mães e 82% moram com os pais. Somente 5% desses alunos não moram com a mãe e 18% não moram com o pai.

Ao serem questionados se recebem incentivos para estudar de seus pais? A grande maioria respondeu de forma afirmativa, cerca de 95%. De acordo com Bourdieu e Coleman, o capital social se desenvolve de acordo com o incentivo que a criança recebe da família para ter um bom desenvolvimento escolar.

Para o aluno receber incentivos da família necessita de condições mínimas de estrutura familiar, e esses alunos têm esse mínimo. Por exemplo, 96,85% das mães sabem ler e escrever contra 93,75% dos pais e ambos têm hábito de leitura, e com frequência os alunos veem seus pais lendo.

Os dados revelam que os alunos recebem incentivos para estudar, ler, fazer tarefas escolares e principalmente a não faltarem as aulas. Outro dado importante é 72,9% dos pais conversam com seus filhos sobre o que acontece no período escolar, e a maioria (52 %) tem acesso ao computador e a internet.

Em relação ao capital cultural, acesso aos meios culturais, tais como: teatro, cinema, dança, música, entre outros, constatou-se que não há o hábito de ir ao cinema, teatro, apresentações de música e dança, e raramente participam desses eventos. Notou-se também que o aluno não costuma frequentar a biblioteca. A cidade de Araruna, como a maioria das pequenas

idades do Paraná, não dispõe de espaços apropriados a esses eventos culturais, bem como a falta de incentivo à cultura, seja por falta de recursos financeiros ou político, contribui para essa situação. Devem-se observar os fatores relacionados aos problemas sociais e produzidos politicamente como consequência de um conjunto de fatores internos e externos à escola quando se pensa no fracasso escolar e, portanto, a reflexão associada não apenas ao indivíduo, ao professor, mas nas transformações das instituições e do fazer pedagógico são igualmente importantes nessa discussão do capital cultural (COLLARES; MOYSÉS, 1996).

Bourdieu (1989) vê o espaço social como um campo de lutas no qual os agentes (indivíduos e grupos) elaboram estratégias que permitem manter ou melhorar sua posição social. É o "capital econômico" que o sociólogo se refere e tem um conceito diferente dos utilizados pelos meios de produção capitalista. Este capital é aquele acumulado, reproduzido e ampliado por meio de estratégias específicas de investimentos econômicos e outros relacionados a investimentos culturais e à obtenção das relações sociais, ou seja, os capitais econômicos, sociais e culturais estão intimamente relacionados.

Como relatam Bonamino et al. (2010 p. 488) para Bourdieu "a educação escolar é uma das formas do capital cultural, é um recurso tão útil quanto o capital econômico na determinação e reprodução das posições sociais". Um dos fatores que pode determinar a condição social de um indivíduo na sociedade é o grau de instrução escolar, e podemos considerar que as pessoas que têm uma melhor condição financeira são mais favorecidas, enriquecendo desta maneira o capital cultural. Consideramos que este acontecimento não ocorre de maneira igual para todos os indivíduos, pois em determinados seios familiares, onde as condições socioeconômicas e o poder aquisitivo é menor, a criança não receberá do meio em que vive os incentivos para o desenvolvimento cognitivo de maneira igualitária as demais crianças cujos pais são mais favorecidos economicamente. Para Bourdieu esta é a manifestação da seletividade educacional.

Um jovem da camada superior tem oitenta vezes mais chances de entrar na Universidade do que o filho de um assalariado agrícola e quarenta vezes mais que, um filho de operário, e suas chances são, ainda duas vezes superiores aquelas de um jovem de classe média (BOURDIEU, 2007, p. 41).

Esta chance está diretamente relacionada às condições financeiras das famílias, pois em famílias de trabalhadores existe a necessidade de se inserir no mercado de trabalho, dificultando o jovem a ampliar o seu capital cultural através da escolarização, fato diferente dos jovens de famílias que detém um melhor poder aquisitivo, pois este pode dedicar-se à escolarização sem a preocupação de trabalhar para sua sobrevivência, e assim preparar-se para o futuro através da formação escolar ampliando seu capital cultural.

A própria escola não é suficiente para eliminar esta desigualdade escolar, porque tem muitos outros fatores que influenciam a seletividade educacional, não bastando somente os dons individuais das crianças.

A escola recebe os alunos com esta carga de desigualdade em todos os sentidos; alunos desprovidos de saberes e poder aquisitivo. Mesmo que na escola o tratamento seja de forma igualitária, é individual a capacidade de recepção e assimilação, fatores estes que têm forte influência sobre cada indivíduo, proporcionando dessa forma o enriquecimento cultural. Ou seja, a escola não dá conta de assumir toda a responsabilidade do aluno no seu enriquecimento cultural, pois o meio em que vive e se relaciona tem fortes paradoxos no quesito educacional.

Uma criança que vive em um ambiente familiar com bom poder aquisitivo e financeiro tem acesso aos recursos tecnológicos que são fortes influentes na educação escolar. Por exemplo, uma criança que em sua casa tem canal de televisão por assinatura tem acesso a notícias e informações privilegiadas, programação direcionada para determinados públicos; como desenhos animados educativos, diferentes dos que na grande maioria são transmitidos em televisões de canais "abertos". Acreditamos que estes estão muito vinculados a mídia consumista, pois sua programação vem dos subsídios dos patrocinadores, que de uma forma ou de outra visam a divulgação e comercialização de seus produtos.

Fato que ocorre também em canais de televisão ditos "fechados" ou "pagos" que tem a preocupação de atender o seu principal público, o "pagante" com programação de melhor qualidade, fato esse que se não ocorrer perderá interessados no seu produto.

De acordo com Bonamino et al.(2010) o sociólogo Coleman "vê o capital econômico como uma parte importante da relação que une a origem familiar às diferentes posições socioeconômicas". E considera que a relação familiar está diretamente ligada ao desenvolvimento da criança. Pois famílias que dispõe de um melhor poder aquisitivo tem condições de

proporcionar a seus filhos acesso a instituições de ensino de melhor qualidade e acompanhamento dos próprios pais no ensino-aprendizagem deste aluno, dedicando algumas horas de seu tempo para desenvolverem juntos atividades educativas na própria casa, como por exemplo; a ajuda na realização das tarefas escolares.

Para Bonamino et al. (2010) a definição de capital econômico para Coleman é similar aos conceitos utilizados por Bourdieu. Ambos estudaram o termo "capital social" para entender como os indivíduos se relacionam na sociedade e suas relações sociais podem beneficiar a sua posição perante a mesma? Pois é através da escolarização que os indivíduos têm mais oportunidades de se destacarem na sociedade perante os benefícios socioeconômicos. Consideram que quanto mais se estuda, maiores são as chances de obter um melhor rendimento salarial.

Bonamino et al. (2010, p.490) relatam que Coleman "argumenta que o *capital social* não é um atributo dos indivíduos, mas um aspecto dependente do contexto e da estrutura social, ou seja, inerente à estrutura das relações entre dois ou vários atores". Uma criança que vive em um ambiente familiar, onde os pais têm um nível maior de escolarização receberá estímulos a desenvolverem o capital social com maior facilidade, porém levando em consideração o meio e as relações sociais desenvolvidas na comunidade através da inserção nos grupos constituídos na sociedade, mas cada indivíduo tem suas potencialidades apresentadas no desempenho escolar através do desenvolvimento cognitivo.

Quando o aluno recebe estímulos no ambiente em que vive, passa a crescer individualmente e em conjunto com a sociedade. Uma família que sempre está dialogando, trocando informações e conhecimentos, possui a energia vital para o desenvolvimento do capital humano.

De acordo com Bonamino et al. (2010) o capital cultural está incorporado ao contexto familiar e a criança desenvolve cognitivamente de acordo com o domínio da língua culta trazida de casa através de herança familiar. Não basta somente dispor de capital econômico e adquirir livros como um bem comum, mas ter o hábito de ler os livros, é dessa maneira que ocorre o desenvolvimento intelectual do sujeito.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com relação ao ensino do mapa, deve-se pensar em função da faixa escolar e de modo a permitir que a criança o construa, observando-se o seu desenvolvimento cognitivo e a passagem do processo de abstração para o concreto (SIMIELLI, 1986). Além disso, notamos que o professor nem sempre está preparado para ler, analisar e elaborar documentos cartográficos porque em sua formação não está familiarizado com a linguagem, que o impede de usar o mapa como meio de comunicação, mas como apenas um recurso visual (SIMIELLI, 1996; SANTOS e LE SANN, 1985).

Observamos que cursos que formam os professores em geografia descuidam da formação voltada à escola e deve-se averiguar porque o acadêmico não consegue sintetizar o fenômeno estudado (BRAVO ET AL.; 2011; SANTIL, 2008; SOUZA, 1994). Como apontam Joly (1982), Almeida (1994) e Passini (1994), a compreensão das relações entre o homem e o meio depende do domínio espacial da informação, que é associado à organização e dominação do espaço pelos indivíduos e, para isso, precisa-se saber a sua construção (SANTIL, 2008).

E, por outro lado, para se evitar que o mapa seja apenas uma ilustração, Lacoste (1993, p. 38) assinala que para quem não aprendeu a ler e utilizar os mapas, “sem dúvida, não têm sentido algum, como não teria uma página escrita para quem não aprendeu a ler”. O professor de geografia tem papel fundamental nesse processo, “[...] cabe ensinar que ela – a geografia – não serve apenas para fazer guerra, mas para compreender as relações existentes para fazer a guerra, para compreender as relações existentes nos diferentes territórios” (PIMENTA, 1998, p. 61).

Isto é corroborado por Katuta (1997, p. 385) que assinala: “ao se investigar os conhecimentos/representações dos alunos, para que se possa resgatar o sentido do ensino de geografia, que não se completa sem a leitura de mapas”. E essa autora complementa: ao se propor essa revelação das territorialidades produzidas pelo ser humano, faz-se necessário o uso de representações e linguagem adequadas ao propósito do ensino do mapa.

Com relação às proposições de Bourdieu, os resultados apontam a influência do capital social e o cultural na formação escolar e no desenvolvimento intelectual dos alunos. Notamos que os alunos do Colégio 29 de Novembro de Araruna (PR), apesar do bom convívio familiar e

social, não tem acesso ou são quase nulas as atividades culturais que o complementam em sua formação.

Para atender as necessidades de um determinado grupo social, os contatos que se estabelecem com a comunidade local ou externa tornam-se aliados no processo de aquisição de conhecimento. As transformações ocorridas no espaço-tempo podem vincular a história com a cultura e favorecer esse processo (HALLAK e BARBERENA, 2012). Situar os problemas socialmente e detectar como se relacionam e afetam a comunidade podem auxiliar no tratamento de uma agenda pública e institucional que visem da apropriação à incorporação pela criança (ou indivíduo) dos aspectos culturais.

Os resultados apontam, apesar da limitação desse estudo, um campo a ser explorado para discussões referentes ao ensino de geografia e os seus temas correlatos, tais como: formação docente, a escola e seus atores, o ensino de geografia e os “capitais econômicos” e a sua influência no ensino. Isto solicita dos seus atores a inter-relação de suas disciplinas para que se estabeleça da análise à reflexão das ações nos diferentes ambientes da educação.

REFERÊNCIAS

Hallak, Z.; Barberena, M. **Herramienta de intervención profesional y de aprendizajes em trabajo social**. In: Tetamanti, J. M. D. et al (org). **Cartografía social: investigaciones e intervención desde las ciencias sociales: métodos y experiencias de aplicación**. Comodoro Rivadavia: Universitaria de la Patagonia, p. 71-93, 2012.

BONAMINO, A.; ALVES, F.; FRANCO, C. **Os efeitos das diferentes formas de capital no desempenho escolar: um estudo à luz de Bourdieu e de Coleman**. Revista Brasileira de Educação, v. 15, n. 45, p. 487-594, set./dez. 2010.

Turkle, S. **El segundo yo – las computadoras y el espíritu humano**. Trad. Lúcia E. Matheu. Buenos Aires: Galápagos, 1984.

BOURDIEU, P. **Os três estados do capital cultural**. In: NOGUEIRA, Maria Alice; CATANI, Afrânio (Orgs). **Escritos de educação**. 4. ed. Petrópolis (RJ): Vozes, 2002. p. 70-79.

_____. **A escola conservadora: as desigualdades frente à escola e à cultura**. In: NOGUEIRA, Maria Alice; CATANI, Afrânio (org). **Escritos de Educação**. 9ª. ed. Petrópolis: Vozes, 2007. p. 39-64.

_____. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Disponível em: <http://www.cidades.ibge.gov.br/painel/historico>. Acesso em: 10 janeiro. 2014.

ALMEIDA, R. D. **Uma proposta metodológica para a compreensão de mapas geográficos**. São Paulo, 1994. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo.

JOLY, F. **La cartografía**. 2ª ed. Trad. Julio M. Tévar. Barcelona: Ariel Geografía, 1982.

LACOSTE, Y. **A geografia – isso serve, em primeiro lugar, para fazer a guerra**. 3ª ed. Trad. Maria Cecília França. Campinas: Papirus, 1993.

OLIVEIRA, L. **Estudo metodológico e cognitivo do mapa**; In: Cartografia Escolar. ALMEIDA, R. D. (org.); São Paulo: Contexto, 2011.

Santil, F. L. P. **Análise da percepção das variáveis visuais de acordo com as leis da Gestalt para representação cartográfica**. Curitiba: PPGCG/UFPR, 2008. Tese

PASSINI, E. Y. **Alfabetização cartográfica e o livro didático: uma análise crítica**. Belo Horizonte: Ed. Lê, 1994.

SILVA, A. A. **Gráficos e mapas – representação de informação estatística**. Lisboa: Lidel, 2006.

SIMIELLI, M. E. R. **Cartografia e ensino: proposta e contraponto de uma obra didática**. São Paulo, 1996. Tese Livre-docência (Metodologia em Geografia) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo.

SIMIELLI, M. E. R. **O mapa como meio de comunicação – implicações no ensino de Geografia 1º grau**. São Paulo, 1986. Tese (Doutoramento em Geografia) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo.

Santos, M. M. D.; Le Sann, J. G. **A cartografia do livro didático de geografia**. Revista Geografia e Ensino. V. 7, p. 3-38. 1985.

Bravo, J. V. M.; Santil, F. L. P.; Sluter, C. R. **Mental categorization and classification process of information in maps**. Cartographic Journal, v. 48, p. 146-152. 2011.

Collares, C. A. L.; MOYsés, M. A. A. **Preconceito no cotidiano escolar: ensino e medicalização**. São Paulo: Cortez, 1996.

Katuta, A. M. Ensino de geografia x mapas: em busca de uma reconciliação. Presidente Prudente: FCT/Unesp, 1997. (Dissertação em Geografia)

Souza, J. G. Cartografia e formação docente. Presidente Prudente: FCT/Unesp, 1994. (Dissertação em Geografia).

Mapa das principais bacias hidrográficas brasileiras: <http://geografalando.blogspot.com.br>
Esboço Bacia Hidrográfica: <http://geoglossario.blogspot.com.br/>

Recebido em: 26/02/2014

Aprovado em: 07/06/2015